



INSTITUTO FEDERAL
SÃO PAULO
Câmpus Guarulhos

Autor: MAURICIO CESAR DANZIATO .

Aluno da Graduação.

email: mauricio.danziato@hotmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Curso de Licenciatura em Matemática.

Orientador: ROGÉRIO MARQUES RIBEIRO.

Titulação: Doutor em Educação.

email: rogeriomarques@me.com.

Práticas formativas e o Programa de Residência Pedagógica

Guarulhos

2019

Introdução

O presente trabalho é um relato de uma experiência vivenciada no âmbito do Programa de Residência Pedagógica – Núcleo de Matemática, do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)- Campus Guarulhos. Por meio deste Programa o IFSP/Campus Guarulhos mantém uma parceria com escolas da Educação Básica, ambientes nos quais são desenvolvidas as atividades práticas de intervenções pedagógicas.

O objetivo deste relato é apresentar uma discussão envolvendo a relação entre teoria e prática, no âmbito da formação de professores, a partir de minha experiência e dos resultados de uma sequência didática desenvolvida no âmbito do programa de residência pedagógica- (RP) em uma turma do 3º Ano do Ensino Médio Integrado, durante o período de 08/04/2019 a 10/05/2019.

A experiência aqui relatada foi realizada a partir de minha participação em um dos grupos formados pelos licenciandos. Nosso grupo era formado por quatro residentes, discentes matriculados no curso de Licenciatura em Matemática, e contava com a supervisão e orientação do Docente Orientador, professor do IFSP/Campus Guarulhos, e da Professora Preceptora, professora da Educação Básica que acompanhava os residentes na escola conveniada.

Este relato apresenta uma discussão sobre o desenvolvimento de nossa proposta pedagógica para uma turma do 3º ano do Ensino Médio.

Descrição da experiência

As aulas foram planejadas para contemplar o conteúdo de Geometria Plana e Espacial a serem desenvolvidas durante vinte aulas. A partir de reuniões com a professora preceptora nos era apresentado o conteúdo que seria abordado em cada aula, e então preparávamos o plano de aula e atividades a serem aplicadas. Em seguida, este plano era discutido com o professor orientador e com a professora preceptora para que sugerissem ajustes pertinentes. Um outro momento de discussões no grupo era oportunizado pelas reuniões semanais com o professor orientador, nas quais apresentávamos nossas dificuldades e fazíamos articulações com os referenciais teóricos que estávamos utilizando para o desenvolvimento das atividades.

Nossa primeira aula teve como objetivos: (i) realizar a classificação dos sólidos geométricos; (ii) Discutir a definição e as características de um prisma. Para esta aula foram utilizados materiais concretos para manipulação, como prisma quadrangular, prisma triangular, pirâmides, etc., e realmente fomos bem sucedidos em nosso plano de aula, pois atendemos as expectativas dos alunos e conseguimos contemplar o conteúdo a ser abordado.

Para a segunda aula, por meio de um estudo dirigido, desenvolvemos uma atividade para construções dos quadriláteros paralelogramo e retângulo, utilizando algumas características de uma investigação matemática no laboratório de informática, a partir do uso do software GeoGebra. Durante o desenvolvimento da aula seguimos o roteiro previamente definido e, a nosso ver, a aula estava transcorrendo bem e os alunos pareciam estar envolvidos nas discussões.

Entretanto, após desenvolvimento da atividade, no encontro semanal com a professora preceptora, fomos informados por ela da insatisfação por parte dos alunos da aula apresentada, pois o uso do software Geogebra não os agradou, e eles solicitaram que as aulas fossem voltadas para resolução de exercícios que os preparassem para o vestibular. Apesar da argumentação dos alunos, e do nosso conhecimento desta preocupação, entendemos que preparar o aluno para o vestibular é uma ação relevante, mas não deve ser o objetivo principal na formação dos alunos.

Apesar de nossa crença, nos vimos em um dilema, pois se houvesse conflito com os alunos, não só não conseguiríamos dar prosseguimento ao projeto, como também poderíamos comprometer a formação deles pelo não envolvimento deles nas atividades. Diante disso, orientado por nosso coordenador e pela preceptora, adotamos uma nova estratégia para as

aulas seguintes, buscando atender a solicitação dos alunos. Assim, as atividades passaram a ter um formato mais conteudista, e também optamos por apresentar algumas atividades para serem resolvidas em grupo e que eram baseadas na resolução de exercícios voltados para vestibular.

Com a mudança de estratégia percebemos o maior envolvimento dos alunos e a empolgação quando conseguiam resolver os problemas que já haviam sido questões de vestibulares anteriores. Ressaltamos que apesar da mudança de estratégia, e a maior ênfase que passamos a dar para atividades mais voltadas para o vestibular, nossas aulas eram propostas por meio de tarefas investigativas de vários níveis de dificuldades.

Relacionando a experiência com a teoria

Com base nas discussões propostas por Ponte (2016), tivemos o cuidado ao escolher as tarefas que seriam desenvolvidas com os alunos, sempre buscado contemplar a investigação matemática. Assim, levamos em consideração a escolha de atividades diversificadas, que contribuíssem para nossas aulas, almejando alcançar descobertas significativas desta turma, e abertas, no sentido de promover a exploração e investigação das atividades propostas. Entretanto, percebemos que não conseguimos atender as expectativas dos alunos, quando do oferecimento de atividades que tinham como objetivo realizar explorações e investigações de determinados conceitos e propriedades. Para mim, fica a experiência de que ministrar uma aula é repleta de variáveis, e uma delas a ser considerada é a do perfil da turma.

Considerações finais

A participação no programa de residência pedagógica tem contribuído muito em minha formação acadêmica, pois aprendemos a planejar uma aula a embasar nossas aulas com referencial teórico, a preparar um plano de aula e fazer uso de diferentes metodologias e diferentes recursos pedagógicos.

A oportunidade de desenvolver propostas pedagógicas na escola conveniada nos permitiu o contato com a prática, onde percebemos a distância que existe entre o que é planejado e o que ocorre de fato ocorre durante as aulas. Em nosso caso, foi possível observar que o professor precisa sempre dispor de outras metodologias e pensar novos caminhos para fazer um trabalho mais eficiente visando contribuir para um aprendizado efetivo por meio da promoção de uma maior participação dos alunos nas aulas de matemática.

Referências Bibliográficas

AMANCIO, R. A.; GAZIRE, E. S. **Polígonos e Quadriláteros**. Minas Gerais. Editora PUC, 2013. Disponível em: <http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130918110708.pdf> Acesso em: 20 Mar. 2019.

GADANIDIS, G.; BORBA, M. DE C.; DA SILVA, R. S. R. **Fases das Tecnologias Digitais em Educação Matemática: sala de aula e internet em movimento**, Autêntica, 2016.

HOHENWARTER, M.; HOHENWARTER, J. **Ajuda Geogebra Manual Oficial da Versão 3.2**. GeogebraOnline, 2009. Disponível em: <<https://app.geogebra.org/help/do\\cupt{\\ }PT>>. Acesso em: 03 Mar. 2018.

IEZZI, G.; DOLCE, O.; et al. **Matemática: Ciência e Aplicação 2: ensino médio**. 8ªed., São Paulo: Ed. Atual, 2014.

PONTE, J. P. **Gestão curricular em Matemática**. Disponível em: <<http://moodle.ifspguarulhos.edu.br/course/view.php?id=306>>. Acesso em: 30 Mar. 2019.